

EPIGRAFIA E ANTICHITÀ

Collana diretta da
GIULIA BARATTA, MARIA BOLLINI, ATTILIO MASTINO

44

CULTURA EPIGRÁFICA
Y CULTURA LITERARIA.
ESTUDIOS EN HOMENAJE
A MARC MAYER I OLIVÉ

a cura di

Giulia Baratta
Alfredo Buonopane
Javier Velaza

FRATELLI LEGA EDITORI
FAENZA

Comitato scientifico:

Maria Bollini (Ferrara), Alain Bresson (Bordeaux - Chicago), José d'Encarnação (Coimbra), Sergio Lazzarini (Como), Attilio Mastino (Sassari), Marc Mayer (Barcelona), Ioan Piso (Cluj-Napoca), Gabriella Poma (Bologna), Manfred Schmidt (BBAW - CIL).

© 2019 Fratelli Lega Editori, Faenza (Italy)

ISBN 978-88-7594-143-7

Stampato nel dicembre 2019 da LINOSPRINT s.n.c. - Bologna - Italy

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO*

A SYLLOGE INSCRIPTIONVM ROMANARVM
IN CATALAVNIA, DE JOSEPH FINESTRES I MONSALVO

Após se ter ilustrado nas letras clássicas, no Grego e no Latim, através dos textos literários, que eram *literários*, ou seja, nem sempre retratos duma realidade concreta, Marc Mayer cedo compreendeu o alcance maior do texto epigráfico, como reflexo imediato e vivo dessa realidade. As personagens não são obrigatoriamente os grandes, os intelectuais, retratados por gente da sua classe, erudita e economicamente abastada; é o Povo, nas suas emoções, no seu sentir quotidiano; que chora os entes queridos, que suplica às divindades e que, mesmo quando louva o Imperador, é porque dele espera contrapartidas, amiúde consignadas em iniciativas visando o bem comum.

Uma outra literatura, portanto, sucinta, pensada, sentida cativou Marc Mayer I Olivé. E a nós continua a cativar, muitas vezes iluminados até pela sua tenacidade e mui erudito exemplo.

* * *

Porque é que me propus apresentar hoje uma simples introdução ao estudo da obra de Finestres?

Em primeiro lugar, porque sou o orgulhoso possuidor desse livro. E, se me é permitido, explico porque hoje me pertence.

O Padre Nogueira Gonçalves, insigne historiador e professor de História da Arte da minha Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, quando completou 90 anos, chamou-me:

– Tome os livros e separatas que, ao longo dos anos, me ofereceu. Quando eu morrer, o mais provável é que ninguém lhes dê

* Universidade de Coimbra.

Em virtude do embargo solicitado pelos editores, este artigo só será disponibilizado, na rede, na totalidade a partir de 1-12-2020. Em jeito de «aperitivo» vai esta parte sobre os Pelendones e Arevaci. - J. d'E.

marmorarium, uma vez que não dispunha de espaço para mais.

Termina declarando que a ausência de pontuação *multam antiquitatem probat*.

Esta inscrição foi estudada por Hübner (*CIL* II, 4081) e por Alföldy (*RIT* 36), sem qualquer alteração de leitura.

* * *

A fim de se ficar com uma ideia do modo – já bem nosso contemporâneo, aliás – como Finestres elabora cada ficha, permita-se-me que apresente quatro exemplos.

1. Pelendones e Arevaci - *inscrição n.º 5* (Fig. 5)

Esquema da ficha (p. 5): indicação do local de achamento da epígrafe («prope BLANDAS»); bibliografia; proposta de leitura, comentário.

Neste, começa por referir os autores antigos (Ptolemeu e Plínio) e interroga-se sobre qual será a melhor interpretação: estaremos em presença de dois povos diferentes e cada um, embora simultaneamente, presta homenagem ao seu génio? – «Sed quid illud, *Pelendones Arevacon*, cum essent diversi populi? An dicemus utrosque simul suo genio aram dedicasse?». Outra hipótese seria – considera Finestres – estarmos perante povos vizinhos, inclusive por se haver escrito *Arevacon*, «more Graecorum», o que leva a pensar que se trata de «Pelendones ex Arevacis».

A epígrafe foi recolhida do conhecido livro de Grutero, onde

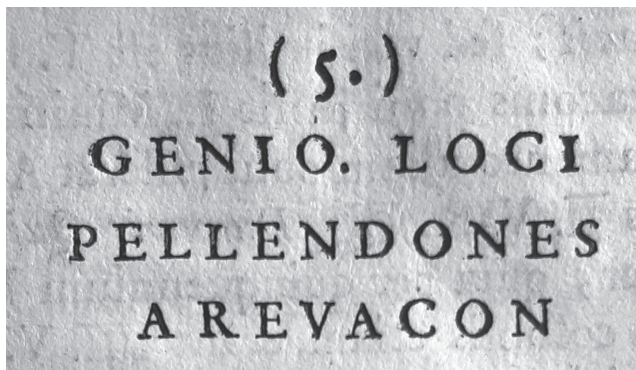


Fig. 5.

figura, como Finestres assinala, na pág. 111, com o n° 5, dando como fonte as fichas de Antonius Augustinus. Em relação ao local de achado, Grutero acrescenta «via publica».

Hübner incluirá a epígrafe entre as suspeitas (*CIL* II, 420*), no capítulo LIV. ILVRO, sem que apresente, para o efeito, uma razão contundente, pois apenas afirma: «Ita ut traditur certo non fuit in lapide», acrescentando, porém: «sed potest subesse genuini aliquid». «Unde inter suspectos relegavi, maxime propter societatem sequentis n. 417*». Ora, 417* refere-se a duas colunas encontradas à porta da *casa Gralla*, dos duques de Medinacelli; não se enxerga, por isso, «societas» alguma. E a ‘perplexidade’ (chamemos-lhe assim) de Hübner, patente neste obscuro raciocínio, está manifesta também no facto de concluir: «Pelendones Arevacorum vicini circa Augustobrigam [...] sedes habuerunt».

Pelo que pude aperceber-me em fugaz consulta bibliográfica, esta epígrafe não terá voltado a ser mencionada, ainda que haja bastante literatura acerca dos dois povos nela referidos, sempre com base, de modo especial, nas passagens que já Finestres apresentara, de Ptolemeu e Plínio-o-Antigo. Para dar somente três exemplos: Urbano Espinosa Ruiz procurou precisar como é que as cidades de Arévacos e Pelendones juridicamente se integraram no Império Romano, no decorrer do Alto Império (3) (1984); Liborio Guerra debruçou-se sobre o território e os costumes dos Pelendones (4) (1993); e Leonard Curchin, ao analisar a complexidade do processo de «romanização» da Hispânia central, não hesitou em explicitar essas passagens mais citadas:

«The Pelendones are first mentioned in 76 BC (in the corrupt form *Cerindones*) as neighbours of the Arevaci; Livy (fr. 18) describes both groups as *gentes*» (5) (2003, p. 37).

Também aqui, nas 36 linhas que Curchin dedica a este povo, a alusão a uma possível dedicatória comum ao *Genius Loci* (*CIL* II, 417*) não existe.

(3) U. ESPINOSA RUIZ, «Las ciudades de Arévacos y Pelendones en el Alto Imperio: su integración jurídica», in *Actas del I Symposium de Arqueología Soriana*, Soria 1984, pp. 305-324.

(4) L. GUERRA, «Los Pelendones: territorio y costumbres», in *Hispania Antiqua* 17, 1993, pp. 21-50.

(5) L. A. CURCHIN, *The Romanization of Central Spain: Complexity, Diversity and Change in a provincial hinterland*, London 2003.

Confesso que essa total ausência não deixa de ser singular – a não ser que eu tenha orientado mal a pesquisa. Se, todavia, estou certo, este constituirá eloquente exemplo da passagem a um testemunho epigráfico do dado transmitido por fontes clássicas, um dado que, por sua vez, não parece ter sido posto em causa: a proximidade dos dois povos.

Por conseguinte, poderá deduzir-se que, segundo o erudito epigrafista, nada mais convincente para documentar a veracidade dessas fontes do que pensar estarmos perante a iniciativa de ambas terem mandado gravar – como sinal de concórdia e boa vizinhança – um monumento *Genio Loci*, ou seja, à divindade maior que protegia dos perigos e dos inimigos comuns o lugar e os seus habitantes irmãos!

De facto, não é iniciativa de ambas as etnias; contudo, ao nomearem-se, à maneira grega, como muito bem assinalou Finestres, *Pelendones Arevacon*, ou seja, «dos Arévacos», expressão passível de traduzir-se por «seus vizinhos», não poderia tal junção significar que, no fundo, se trata de uma iniciativa comum? Temos dito, aliás, que os libertos que fazem questão em identificar por completo o seu patrono ou a sua patrona nas dedicatórias votivas por si mandadas lavar visam, com essa atitude, associá-lo (ou associá-la) à dedicatória que estão fazendo. Idêntico estratagema não poderia ter estado presente aqui?

Perguntar-se-á, chegados a este ponto das considerações: então, quer isso dizer que há que repensar o estigma de «suspeita» lançado por Hübner? Quer, uma vez que o epigrafista alemão, além de – à cautela – escrever, como vimos, «sed potest subesse genuini aliquid», aponta apenas duas razões da rejeição («inter suspectos relegavi»):

- A primeira, a referida ‘proximidade’ com a epígrafe 420*, «maxime propter societatem sequentis n. 417*», argumento desprovido de senso, como se viu.
- A segunda: «Ita ut traditur certo non fuit in lapide». E porquê? Vem a identificação da divindade, uma divindade, de resto, bem apropriada à circunstância! Os povos solicitam os favores do Génio que preside ao seu território! E vem, depois, a identificação do dedicante. Não traz fórmula final? Poderia ter trazido e o copista a ter omitido, para se cingir ao principal; (6) mas o essencial está lá e, entre os

(6) Recordaria que, durante muito tempo, se considerou que uma das ámulas de *Conimbriga*

múltiplos exemplos que poderíamos aduzir (inclusive em pedestais de estátuas da actualidade...), ocorre-nos o conhecido altar fundacional onde somente se lê IOVI OPTVMO MAXVMO CIVITAS COBELCORVM (7).

Por conseguinte, o repto está lançado!...

2. *Um pormenor gráfico (CIL II, 4376)*

O n° 67 (p. 274) das inscrições funerárias foi copiado da pág. 874 de Grutero (8), onde tem o n° 2. Informa Grutero que a copiou de «Schotto», isto é, de um dos volumes das *Hispaniae Illustratae* do jesuíta holandês André Schott (1552-1629), por vezes, indicado somente por Escoto. Não vêm especificados o volume nem a página donde a menção foi retirada; apenas que a epígrafe foi encontrada fora de Tarragona («extra TARRACONEM») e numa vinha («in vinea Petri Guimarani»).

Não há motivo para que o epitáfio – que assume, aliás, carácter laudatório – não seja autêntico. Hübner aceitou-o (CIL II, 4376) e G. Alföldy (9) não lhe pôs qualquer objecção, ainda que o monumento esteja perdido.

A razão por que se me afigurou de interesse apresentá-lo aqui prende-se com o facto de Grutero (e, possivelmente, também a sua fonte, Schott) ter tido o cuidado – que Finestres realça – de anotar que há, no texto, letras grafadas à maneira grega; não o explicitam, mas escrevem-nas com caracteres gregos, para que melhor se entenda. Não creio que se trate de uma inscrição em que coexistam caracteres latinos e caracteres gregos; o que se passou foi que, na leitura, se observou, aqui e além, uma pronunciada grafia actuária, que não se hesitou em referir e em esclarecer a equivalência – e este se me afigura um dado a reter, como testemunho, quando se queira ajuizar da veracidade das transcrições. Neste caso, para um epígrafista actual, nada de anormal se o A

apresentava o texto *L(aribus) Aquitibus*, apenas, porque assim o arqueólogo Vergílio Correia escrevera; quando se encontrou o monumento, verificou-se que o texto completo incluía também o nome do dedicante e a fórmula final! (J.M. GARCIA, «Da epigrafia votiva de Conimbriga. Observações e novos monumentos», in *Conimbriga* 26, 1987, pp. 48-49).

(7) H. FRADE, «Ara a Júpiter da *civitas Cobelcorum*», in *Ficheiro Epigráfico* 58, 1998, n° 266.

(8) I. GRUTERUS, *Inscriptiones antiquae totius orbis Romani in absolutissimum corpus redactae*, Heidelbergae, 1603. 2ª edição: Amstelaedami, 1707.

(9) G. ALFÖLDY, *Die römischen Inschriften von Tarraco*, Berlin 1975, n. 601.